

# A expressão emocional nos descendentes germânicos<sup>1</sup>

Carlise Inês Groth\*  
Verena Augustin Hoch\*\*

## Resumo

Este trabalho teve o objetivo de compreender a influência da cultura germânica na expressão emocional de seus descendentes na região Extremo-Oeste de Santa Catarina. Buscou compreender os comportamentos influenciados pela cultura alemã e os aspectos da cultura germânica que facilitam ou dificultam a expressão emocional. Este estudo contou com a participação de 12 descendentes germânicos que contribuíram na coleta de dados, com relatos pessoais a respeito de suas vivências e sentimentos sobre a cultura alemã e a forma que expressam seus afetos e emoções. Metodologicamente, foi utilizada a pesquisa qualitativa de base fenomenológica, tendo como instrumento para a coleta de dados uma entrevista composta por uma pergunta de fim aberto. Da análise dos relatos dos participantes emergiram as seguintes unidades ou essências de significado: pais que não abraçam; as formas de se expressar e a dificuldade de se expressar; Deus castiga/Deus protege; o fazer certo, não poder errar; lealdade/gratuidade/construção de uma vida comunitária e a rigidez dos professores.

Palavras-chave: Expressão emocional. Cultura germânica. Porto Novo. Emoções.

## 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo pretendeu trazer à luz da ciência a riqueza dos valores culturais cultivados pelos descendentes germânicos na região Extremo-Oeste de Santa Catarina. Os fenômenos culturais que ainda fazem parte da memória coletiva dessa população e que se confirmam pelo modo de vida e de organização comunitária, como pela forma de demonstrar e expressar os sentimentos e afetos.

Segundo Hillebrand (2006), a relação do homem com a cultura na qual está inserido vai muito além do que aparenta, pois cada sociedade comunica desde muito cedo para seus membros as formas aceitas e não aceitas de comportamentos. Neste trabalho, o comportamento de expressão emocional foi investigado como forma de integrar o indivíduo com a sociedade, bem como a formação da mentalidade por meio da transmissão dos valores culturais de geração em geração.

O ponto de partida é que a atual forma de expressão emocional tem sua origem no passado, na imigração, no período de colonização, e dessa forma, mediante a teoria, a explicitação dos fatores culturais e a história da colonização, buscou-se responder os objetivos a que esta pesquisa se propôs: identificar a influência dos fatores culturais na expressão emocional das pessoas descendentes da cultura germânica na região Extremo-Oeste de Santa Catarina, buscando compreender aspectos dessa cultura que interferem na forma de expressão emocional, bem como os comportamentos influenciados pela cultura alemã, e se a cultura germânica facilita ou dificulta a expressão emocional.

\* Bolsista do Fumdes; acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), *Campus* de São Miguel do Oeste, SC; carliseines@yahoo.com.br

\*\* Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; graduada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; psicóloga; professora do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), *Campus* de São Miguel do Oeste; coordenadora do Serviço de Atendimento Psicológico da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc), *Campus* de São Miguel do Oeste; verena.psi@gmail.com

## **2 A IMIGRAÇÃO, AS TRADIÇÕES E OS COSTUMES GERMÂNICOS IMPLANTADOS NA REGIÃO EXTREMO-OESTE DE SANTA CATARINA**

O Brasil é hoje um país caracterizado pela sua formação por intermédio de diversas etnias, como alemães, italianos, polacos e japoneses, em consequência das diversas ondas imigratórias que passaram a fazer parte da história brasileira a partir da metade do século XIX. Uma vez instalados no Brasil, esses imigrantes dedicaram-se também à atividade cultural que visava a manter vivas as tradições herdadas (NEUMANN, 2005).

Os imigrantes refizeram no Brasil a vida e os valores que trouxeram da Europa. Construíram moradias, ergueram escolas e igrejas, criaram sociedades e estabeleceram normas de convivência. Na estruturação dos costumes, a família e a escola eram muito importantes; em Porto Novo, a colonização ocorreu por alemães católicos, fator que predomina até os dias atuais, uma vez que a identificação alemão-católico supera os 95% nos municípios de São João do Oeste e Tunápolis (JUNGBLUT, 2000).

Segundo Mentlik (2005), o fator de procurar manter vivas as heranças culturais, fez com que a adaptação desses imigrantes demorasse a acontecer, pois havia uma lentidão no aprendizado da nova língua e no desenvolvimento de uma atitude positiva para com a aquisição de novos valores e tradições. "Tais resistências podem ter sido a causa de uma espécie de enquistamento cultural no novo meio social, cuja transitoriedade ou durabilidade, ainda não dispomos de perspectiva histórica para avaliar." (MENTLIK, 2005, p. 61).

Entre os costumes cultivados, pode-se citar a cultura religiosa, que de acordo com Eidt (1999), repassava aos moradores as normas sociais e religiosas, como o comportamento, as condutas e os valores. Assim, as tradições religiosas eram tão rígidas e poderosas que fizeram com que predominasse a homogeneidade da organização social. Os comportamentos perversos eram publicamente repreendidos. Para Eidt (1999), os gestos, olhares, pensamentos e sexualidade recebiam uma vigilância constante.

Outro fator de destaque era o trabalho comunitário, que segundo Roche (1969 apud HILLEBRAND, 2006), a construção das igrejas foi o primeiro trabalho coletivo, bem como casas, praças e sociedades. De modo geral, a solidão e as dificuldades iniciais pelas quais os colonizadores alemães passaram, reforçaram os laços de solidariedade e coletividade, pois os sentimentos de grupo adquiriram forças a partir da vida comunitária e religiosa dos imigrantes (EIDT; FORMAGINE, 2006).

De acordo com Seyferth (2009, p. 6) "[...] o uso cotidiano da língua materna talvez seja a característica mais evidente e persistente da fronteira étnica." Porém, se mantém também os hábitos alimentares, as formas de organização social e sociabilidade, as associações recreativas e culturais, os estilos arquitetônicos de construir as casas, os modos de ocupação do espaço, etc. Tudo isso corroborou para a coesão grupal e elaboração das identidades étnicas, mantendo uma identidade étnica baseada no germanismo, ou seja, no modo de viver da Alemanha, misturada com características brasileiras.

Para Hillebrand (2006), a relação do homem com a cultura na qual a pessoa está inserida é muito mais complexa do que possa parecer. Cada cultura comunica desde muito cedo para as pessoas inseridas na sociedade e das mais diversas formas, os modos sancionados e não aceitos de comportamento social e os valores que consideram importante na vida.

Segundo Cuélaar (1997 apud HILLEBRAND, 2006), as diferenças culturais devem ser clarificadas, conhecidas por todos e principalmente respeitadas pelas demais culturas, uma vez que a cultura, seus valores e rituais afetam as decisões das pessoas, modelam o comportamento de viver do povo, bem como a forma de as pessoas agirem e viverem. Dessa forma, compreende-se cultura como

um sistema com uma lógica própria, na qual as formas de agir, sentir, pensar, enfim, ver o mundo, integram-se em um todo complexo.

Segundo Hillebrand (2006), as atuais formas de organização social, as instituições e os costumes, têm sua origem no passado.

No que concerne à expressão emocional, segundo Hillebrand (2006, p. 66), existe uma dificuldade dessa população em expressar seus afetos:

É provável que a dificuldade de expressão de sentimentos tenha sido a forma encontrada pela sociedade, em algum momento de sua existência, para controlar os instintos, o que acabou se tornando um padrão transmitido de geração em geração, determinando a forma de relacionamento entre as pessoas.

Para Geertz (1989, p. 58), se a sociedade não fosse dirigida por padrões culturais, “[...] o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais”, pois cultura, ainda de acordo com o mesmo autor é “[...] um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes [...] um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento”, ou seja, a cultura auxilia o homem a se ajustar ao seu ambiente externo, como em relação aos outros homens.

Segundo Hillebrand (2006), alguns exemplos de controle social podem ser a religião e a inserção de culpa e de pecado, os castigos infligidos pelos professores e os cantos infantis com conteúdo moral.

De acordo com Geertz (1989), a cultura é mais bem-vista não como um conjunto de padrões de comportamento, costumes e tradições, mas, como um conjunto de mecanismos de controle, planos, regras e instruções para governar o comportamento do homem. Porém, essa repressão das emoções também pode ser prejudicial.

Conforme Hillebrand (2006), o povo germânico possui uma forma racional e realista de descrever os fatos, excluído de idealizações e fantasias, e, segundo Pauli (1997), o alemão é menos expansivo, ou seja, socialmente mais tímido, mesmo quando se encontra entre os seus, de convivência cotidiana.

O ser humano é individual, mas está sob a direção dos padrões culturais. Assim, a cultura modela as pessoas que fazem parte de um mesmo grupo, faz com que elas não apenas sintam, mas sintam certas emoções mais distintamente (GEERTZ, 1989).

Cada grupo define se as emoções devem ser expressas ou se algumas devem se tornar um tabu para os membros desse grupo, uma vez que o poder das emoções reside na capacidade que estas possuem de destruir, desestruturar ou de aliviar, enquanto que o afeto compreende os sentimentos desses membros do grupo, associados às suas histórias (LANE; SAWAIA, 1995).

Assim, percebe-se que fatores culturais interferem na vida das pessoas e em seus comportamentos, muitas vezes sem que estas tenham consciência de que os fazem por fatores apreendidos de seus pais e avós.

### 3 MÉTODO

O interesse em compreender a vivência da pessoa na maneira de expressar suas emoções e nas formas em que as tradições e os valores são repassados de geração em geração, e, de como alguns aspectos são mais significativos e marcantes em determinadas culturas, fez com que se optasse pelo método de pesquisa qualitativa com base fenomenológica. De acordo com Forghieri (2004), o método fenomenológico surgiu como um método que possibilita chegar à essência do próprio conhecimento, procurando captar o sentido ou significado da vivência para a pessoa em determinadas situações por ela vividas.

Para este estudo, foram entrevistados 12 descendentes germânicos com idades entre 20 e 80 anos. Os informantes foram selecionados por meio da técnica de conveniência. Para se chegar à efetivação das entrevistas, os prováveis participantes foram contatados pela pesquisadora; os critérios de escolha foram ser descendentes germânicos residentes no território do antigo Porto Novo, hoje Tunápolis, Itapiranga e São João do Oeste, de diversas faixas etárias. Os participantes foram entrevistados mediante assinatura de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Para resguardar as identidades dos participantes, seus nomes foram substituídos por nomes fictícios: Wilhelmina, Johannes, Hildegard, Heinrich, Henriette, Josephh, Gertrut, Wilhelm, Margret, Hermann, Ingrid e Anne.

## 4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 AS ESSÊNCIAS

Após a gravação e transcrição literal das entrevistas, estas foram analisadas de forma criteriosa, em que emergiram as seguintes essências fenomenológicas: pais que não abraçam; as formas de se expressar e a dificuldade de se expressar; Deus castiga/Deus protege; o fazer certo, não poder errar; Lealdade/gratuidade/construção de uma vida comunitária e a rigidez dos professores.

#### 4.1.1 Pais que não abraçam

Um dos sentimentos trazidos pelos participantes no momento da entrevista foi o sentimento de carência, da falta de afeto recebido dos pais.

As famílias descendentes germânicas, quando chegaram à região, possuíam muitos filhos, e, provavelmente, a não expressão de sentimentos pode ter sido uma forma encontrada por essas pessoas para controlar os instintos, fato que acabou se tornando um padrão transmitido de geração em geração, e assim, acabou determinando a forma de as pessoas se relacionarem (HILLEBRAND, 2006); conforme se percebe na fala do participante Josephh: "A proximidade física ou corporal sempre era vista como pecaminosa, então, era muito comum pais e filhos simplesmente não se abraçarem, não se tocarem, não sorrirem, a expressão fácil de seriedade era muito presente." (informação verbal).

Porém, essa dificuldade de os pais demonstrarem sentimento de afeto para seus filhos ainda perdura em algumas famílias, o que leva os filhos a expressarem um desejo de mudança, contudo, em algumas famílias já existem expressões emocionais mais abertas. Essa diferença na forma de se expressar de uma família germânica para outra na atualidade, mesmo que fortemente influenciadas pelos padrões da cultura em que vivem, se deve ao fato, de que as experiências de uma pessoa nunca são iguais às experiências do outro. De modo geral, a configuração e os padrões da cultura produzem personalidades com características semelhantes aos membros de uma mesma sociedade (HOEBEL, 1982).

#### 4.1.2 As formas de se expressar e a dificuldade de se expressar

Os entrevistados relataram diversas percepções sobre a expressão de afeto e sentimentos, bem como vivências pessoais a respeito de suas formas de se expressar e as situações em que a expressão é facilitada ou dificultada pelas circunstâncias sociais. Todavia, nas diversas possibilidades de as pessoas se expressarem, parece prevalecer nas comunidades colonizadas por germânicos ou descendentes germânicos certa rigidez, percebida por meio das dificuldades das pessoas se expressarem e manifestarem seus afetos.

De acordo com Hillebrand (2006, p. 62), “[...] o desenvolvimento histórico e os valores culturais vão determinar a forma como as sociedades respondem ao contato social.” E, no caso dos descendentes germânicos, no que concerne à expressão emocional, existe uma dificuldade dessa população em expressar seus afetos. Segundo o participante Josefh “As questões afetivas, de modo geral, eram vistas com um certo temor, então manifestações de sensibilidade, de afeto, de sensualidade, elas eram sempre reprimidas, não tinham a liberdade.” (informação verbal).

Torna-se necessário lembrar que cada sociedade impõe aos seus integrantes desenvolverem um padrão de expressões emocionais de acordo com seus valores culturais, ou seja, as emoções são de natureza humana, mas a forma de expressá-las, a aceitação ou não de determinados tipos de sentimentos, é uma construção cultural (HILLEBRAND, 2006). Dessa maneira, nas comunidades de descendentes germânicos, foi repassado um padrão de expressão emocional mais fechado, fazendo com que a maior parte das manifestações de sentimentos não fosse aceita.

Durante as entrevistas, surgiram duas vertentes, de um lado há entrevistados que se sentem mais à vontade para conversar com seus pais, e do outro, pessoas que preferem conversar com seus amigos. Assim, percebe-se que cada pessoa possui lugares de apoio, em que se sente segura, e nos quais possui uma maior liberdade para se expressar emocionalmente.

Os pais podem ser pessoas mais fechadas pelo fato de já apresentarem dificuldades interpessoais, e dessa forma, estar comprometendo a qualidade do relacionamento e até mesmo oferecendo modelos inadequados de desempenho social para os filhos (BOLSONO-SILVA; DEL PRETE; DEL PRETE, 2000 apud CIA et al., 2006). Por outro lado, a facilidade da comunicação com os amigos pode ser pelo fato destes serem de outras culturas, e já terem vivenciado outras experiências, sendo dessa forma, mais abertos, propiciando à pessoa a se desinibir também.

Essa dificuldade de expressão também abrange a dificuldade de trabalhar ou conversar em relação a assuntos referentes à sexualidade, principalmente na relação pais/filhos.

De acordo com os entrevistados, a maioria recorre aos amigos para conversar a respeito da sexualidade, mas nos últimos anos, está ocorrendo uma mudança; os pais estão falando mais sobre isso com seus filhos, instruindo-os para que não aprendam por conta própria. Porém, nem sempre os pais se sentem à vontade para conversar com seus filhos. Segundo Eidt (1999), houve um tempo em que os gestos, olhares, pensamentos e sexualidade recebiam uma vigilância constante, uma vez que esta era reprimida e menosprezada, e as meninas menstruavam sem saber o que era aquilo.

Muitas vezes, essa dificuldade de conversação entre pais e filhos ocorria pelo fato de os pais não se sentirem livres para chegar e conversar com seus filhos, pois isso poderia tirar destes a imagem de autoridade que os pais exerciam, e dessa forma, muitas vezes, os pais castigavam os filhos que transgrediam as regras, por meio de castigos físicos e não do diálogo.

O que se percebe de modo geral nas falas dos entrevistados, é que a falta de conversação com os pais leva as gerações mais novas a procurarem uma mudança, em razão de não entenderem a forma que os pais os educaram, embora não os culpem, pois possuem a percepção que o tempo transforma a maneira de se perceber e transmitir a educação.

Assim, as dificuldades na expressão emocional relatadas e identificadas mediante as entrevistas, provêm da forma como ocorreu a colonização, repassadas de geração em geração. Para Halbwachs (2009), a expressão emotiva seria transmitida da mesma forma que a língua, e assim, seria possível comunicar aos outros aquilo que se experimenta.

#### 4.1.3 Deus castiga/Deus protege

Um sentimento que parece ser bastante relevante foi a visão de Deus repassada pela igreja ou pelos pais, pois os participantes relatam visões de um Deus castigador que impede as pessoas

de fazerem certas coisas contrárias ao que a igreja prega, ao mesmo tempo que existe um Deus que protege as pessoas que fazem as coisas certas, permitidas pela religião.

Segundo Jungblut (2000), o povo que veio se instalar em Porto Novo tinha um fator religioso que determinava o modo dessas pessoas pensarem e agirem. A religião católica transmitida na região era um misto de fé, cerimônias, recomendações e de ditames de todos os aspectos da vida da população.

Muitas pessoas acreditavam que as desgraças eram consequências sobrenaturais as quais atingiam pessoas que rezavam menos ou mal, pois tudo era atribuído à vontade de Deus, doenças, filhos, enchentes, secas, etc. (JUNGBLUT, 2000). Por isso, muitas vezes, sentiam-se culpadas pelas coisas ruins que aconteciam em suas vidas.

Ainda hoje, mesmo que de maneiras diversificadas e não tão rígidas, a religião está muito presente. Os pais continuam repassando aos seus filhos os valores que apreenderam de casa, e ainda persiste uma visão de Deus, que acompanha e oferece segurança nos momentos difíceis, mas, entre os mais jovens, percebe-se que a imagem de um Deus que castiga não prevalece mais.

#### 4.1.4 O fazer certo, não poder errar

Os participantes também relataram que, no momento crítico de terem cometido um erro, a sociedade, em vez de apoiar, condena. As pessoas não podem falhar, o que pode acarretar sofrimento psíquico, bem como sentimento de inferioridade sobre si mesmo. Quando uma pessoa erra, espera ser acolhida e não agredida, da mesma forma que quando acerta, espera ser elogiada. Mas, pelas falas dos entrevistados evidencia-se certa dificuldade de as pessoas se expressarem positivamente frente ao acerto, sucesso do outro, o que pode ser verificado na fala de Henriette: "A cultura europeia tem os costumes de você ser certo, sempre ser certo. Fazer tudo certo né, você não pode errar, quando você erra eles te cobram, quando faz uma coisa boa, quando você faz uma coisa que realmente precisava ser elogiada, você não recebe nada, ninguém te agradece." (informação verbal).

Assim, existia uma espécie de regra, que obrigava as pessoas a fazerem o certo, se falhassem eram condenadas por todos, e segundo a religião ainda poderiam ser castigadas por Deus.

#### 4.1.5 Lealdade/gratuidade/construção de uma vida comunitária

Os entrevistados relataram como os germânicos criaram a vida comunitária em Porto Novo, de como estava presente entre as pessoas a lealdade, o sentimento de gratuidade, de ajudar uns aos outros. A visão que essas pessoas trouxeram, segundo Jungblut (2000), era que havia uma necessidade de oferecer a todos os elementos da comunidade o acesso às letras, a uma formação profissional, à espiritualidade religiosa e aos clubes sociais, considerando que a primeira construção era a escola.

O alemão é de um alto senso de cooperação. "Onde há alemães, muito depressa nasce uma sociedade, depois outra e outra, o que finalmente resulta em uma comunidade, com superior organização." (PAULI, 1997).

Segundo Jungblut (2000), o povo alemão tinha fama de ter espírito de trabalho, e foi isso que despertou o interesse de trazer grupos alemães para colonizarem regiões agrícolas.

Outro fator relatado pelos entrevistados foi as visitas entre os vizinhos. Estes cultivavam entre si um espírito de solidariedade e companheirismo, como uma das únicas formas de sociabilidade existente no período da colonização e que ainda continua presente em algumas comunidades.

#### 4.1.6 A rigidez dos professores

Um sentimento presente na fala da maior parte dos entrevistados foi sobre a educação que receberam na escola, de como os professores eram rígidos e usavam castigos físicos para disciplinar seus alunos. Os entrevistados mais jovens Wilhelmina, Hildegard, Heinrich e Gertrut, com idades entre 20 e 23 anos, não vivenciaram a época dos castigos físicos, mas trazem em suas memórias as histórias contadas por seus pais e avós.

Segundo Eidt (1999), o ensino possuía uma visão de que ensinar é repetir e apreender é memorizar, todos os alunos eram tidos como iguais, e para tanto, as normas de conduta e comportamento eram padronizadas. Para Eidt (2009) no primeiro dia de aula, os alunos eram separados por sexo, e o professor proferia as regras e as punições para quem as descumprisse. Segundo Eidt (2009), as práticas do professor se assemelhavam bastante com as práticas que ocorriam nas casas, como a oração, a seriedade e as recomendações morais, pois a educação escolar era vista como um prolongamento da familiar.

De maneira geral, os alunos tinham medo dos professores, quase tudo que faziam era motivo de castigo. Segundo o entrevistado Johannes: "Como castigavam... Às vezes, o que conforme um fez, até grão de milho eles botaram para ajoelhar em cima." (informação verbal).

Segundo Eidt (1999), os castigos para os alunos desviantes aconteciam quase sempre com a concordância dos pais. O fato de a maioria dos alunos não saberem a língua portuguesa ao ingressar na escola, pois em casa apenas faziam uso da língua alemã, também era motivo para que fossem castigados.

## 5 CONCLUSÃO

Este trabalho teve o objetivo de compreender a influência da cultura germânica na expressão emocional de seus descendentes na região Extremo-Oeste de Santa Catarina. Por meio de uma pergunta aberta, procurou-se verificar os sentimentos expressos pelos participantes. Acredita-se que foi muito mais do que isso, foi uma vivência profunda, momento único, em que os participantes permitiram entrar em seu íntimo e expressar, de forma evidente, as características da cultura alemã que estiveram e estão presentes em suas vidas, ensinadas e repassadas por seus pais.

Os resultados indicaram que, para as pessoas pesquisadas, os valores culturais são transmitidos pela escola, igreja, associações e, principalmente, convívio familiar; também, é perceptível a dificuldade na expressão emocional dessas pessoas. Esta parece ser motivada pela rigidez imposta nessa cultura, levando essas pessoas a se comportarem segundo alguns padrões preestabelecidos, dificultando a manifestação de seus próprios desejos, ou agindo segundo seus sentimentos. De modo geral, os participantes relataram ter crescido com falta de demonstrações afetivas por parte de seus pais, além de perceberem a existência de dificuldades na conversação entre pais e filhos nessa cultura.

Percebeu-se também uma exigência implícita que leva seus descendentes a procurarem acertar sempre, o erro parece não ser tolerado, o que causa sofrimento psíquico frente à eminência de algo que pode ser visto como um erro ou fracasso. A partir desta pesquisa, foi possível compreender, de forma bastante evidente, a dificuldade de expressão emocional das pessoas descendentes da cultura germânica, que se expressa nas relações estabelecidas no interior das famílias, bem como na comunidade em que vivem e nas relações estabelecidas no contato com outras culturas. Aparece, de forma clara, que a dificuldade na expressão emocional, percebida como algo natural por seus descendentes, provém de fatores culturais cultivados e transmitidos desde o período de colonização, por meio da religião, escola e família.

### Abstract

*This study aimed to understand the influence of Germanic culture in the emotional expression of their descendants in the Far West region of Santa Catarina. Sought to understand the behaviors influenced by German culture, and aspects of Germanic culture that facilitate or hinder the emotional expression. This study had the participation of 12 children Germans. They contributed in data collection, with personal stories about their experiences and feelings about German culture, and how they express their feelings and emotions. Methodologically, the study used qualitative phenomenological research, and as a tool for data collection consists of an interview an open-ended question. Analysis of the participants' reports emerged the following units or essences of meaning: parents who do not embrace; the forms of expression and the difficulty of expressing himself; and God punishes/God protects; do it right, can not err; fairness/gratuity/construction of a community and the rigidity of teachers.*

*Keywords: Emotional expression. Germanic culture. Porto Novo. Emotions.*

### Notas explicativas

<sup>1</sup>Parte integrante do relatório de pesquisa *Influências da cultura germânica na expressão emocional de seus descendentes na Região Extremo-Oeste de Santa Catarina*, desenvolvida pela autora, no Curso de Psicologia da Unoesc, com financiamento do Fumdes.

<sup>2</sup>Porto Novo teve seu nome trocado por Itapiranga, em 1928, no terceiro ano de sua existência. Em 1989, desmembrou-se em Tunápolis e em 1993 em São João do Oeste (JUNGBLUT, 2000).

### REFERÊNCIAS

CIA, Fabiana et al. Habilidades sociais parentais e o relacionamento entre pais e filho. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, p. 73-81, jan./abr. 2006.

EIDT, Paulino; FORMAGINE, Daiane. Colonização do Extremo-Oeste de Santa Catarina: Fé, Altruísmo e Empreendedorismo. **Visão Global**, Universidade do Oeste de Santa Catarina, p. 129-145, abr./jun. 2006.

EIDT, Paulino. **Os sinos se dobram por Alfredo**. Chapecó: Argos, 2009.

\_\_\_\_\_. **Porto Novo**: da escola paroquial ao projeto de nucleação – uma identidade em crise. Ijuí: UNIJUI, 1999.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HALBWACHS, Maurice. "A Expressão das emoções e a sociedade". Tradução Mauro Guilherme Pinheiro Koury. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 8, n. 22, p. 201-218, abr. 2009.



HILLEBRAND, Márcia. **Cantos tradicionais**: uma leitura da cultura germânica. 2006. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Cultura Regional)–Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2006. Disponível em: <[biblioteca.universia.net/html\\_bura/ficha/.../30921936.html](http://biblioteca.universia.net/html_bura/ficha/.../30921936.html)>. Acesso em: 14 jul. 2009.

HOEBEL, Adamson E. A natureza da cultura. In: SHAPIRO, Larry L.(Org.) **Homem, cultura e sociedade**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

JUNGBLUT, Roque. **Documentário histórico de Porto Novo**. São Miguel do Oeste: Arco Iris Gráfica e Editora, 2000.

LANE, Silvia T. M.; SAWAIA, Bader B. (Org.) **Novas veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense; EDUC, 1995.

MENTLIK, Célia Szniter. As migrações e seus reflexos na cultura: alguns fatos e perspectivas sobre a imigração e a história da presença judaica no Brasil. **Métis**: História & Cultura, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, jul./dez., 2005.

NEUMANN, Gerson Roberto. A temática da emigração alemã para o Brasil em obras de três autores da literatura alemã do século XIX: Amalia Schoppe, Friedrich Gertäcker e Joseph Hörmeyer. **Métis**: História & Cultura, Caxias do Sul, v. 4, n. 8, p. 37-59, jul./dez. 2005.

PAULI, Evaldo. **Interpretação sociológica do Catarinense**. Enciclopédia Simpozio (Versão em Português do original em Esperanto). 1997. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~simpozio/portugue.html>>. Acesso em: 27 jan. 2010.

SEYFERTH, Giralda. **Memória Coletiva, identidade e colonização**: representações da diferença cultural no sul do Brasil. [S.l.]: Ed. UFRJ, 2009.

